

Jaspers lê Agostinho: possibilidades de leitura sobre o homem e sobre Deus

Sílvia Maria de Contaldo¹

Resumo: Pretende-se apresentar a possibilidade de leitura e denominador comum entre Agostinho e Jaspers em suas respectivas obras Confissões e Introdução ao Pensamento Filosófico. Apesar de pertencerem a épocas diversas, tanto em um pensador quanto em outro há marcas de uma antropologia filosófica, que procura compreender o ser humano a partir de uma certa inquietação frente a si mesmo e ao universo existencial. Desses textos vale a pena evidenciar aqueles trechos que se referem à condição humana e ao lugar da filosofia no mundo. Dois pensadores de tamanha grandeza e densidade podem mapear nossas idéias e traçar a geografia da nossa alma, que anda tão desconcertada. Em tempos tão modernos, resgatar a validade da Filosofia em autores considerados ‘antigos’ pode parecer ultrapassado, fora de moda. Mas a intenção filosófica, compartilhada pelos dois pensadores, só reitera o caráter universal da filosofia, mediatizada pela razão em busca do mais verdadeiro, em qualquer tempo. **Palavras-chave:** Agostinho, filosofia, antropologia.

Abstract: The intention of this paper is to present the possibility of a reading and a common denominator between Augustine and Jaspers in their respective works Confessions and Introduction to Philosophical Thought. In spite of being from diverse times, these thinkers share the marks of a philosophical anthropology which attempts to understand the human being in terms of certain misgivings vis-à-vis themselves and the existential world. From those two texts it is worth highlighting portions referring to the human condition and the position of Philosophy in the world. Two thinkers of such grandeur and density are able to map out our ideas and outline the geography of our souls, which have been so troubled. In such modern times, to recover the validity of Philosophy of authors considered ‘ancient’ may seem unwarranted and old-fashioned. Nevertheless, the philosophical intention shared by both authors only reiterates the universal character of philosophy, mediated by reason in the search for the most true at any time. **Key-words:** Augustine, Philosophy, Anthropology.

Observação preliminar

Foi justamente uma leitura de Karl Jaspers, existencialista contemporâneo, que chamou minha atenção para essa proposta de aproximação de autores de ‘tempos’ diferentes. Como o tempo não des-cansa², creio ser possível focalizar dois pensadores pertencentes a épocas distintas, embora com algumas dificuldades. Uma delas está ligada à própria diversidade da obra de cada um deles. Ambos escreveram bastante e, muitas vezes, num estilo vivencial e não-sistemático.

Assim, convém situá-los, ainda que brevemente, para não perdemos de vista não só a exata distância histórica que existe entre ambos, mas para delimitar o campo de leitura que pode ser explorado no horizonte existencial que lhes é comum.

1 Jaspers lê Agostinho

Agostinho de Hipona (354-430) é um pré-medieval. Pensador da Patrística, nascido na África Romana do século IV. Autor de obra imensa, composta de 93 livros, 300 cartas e cerca de 400 sermões. Uma empreitada filosófica e teológica que não só o distinguiu em sua época, como sedimentou a civilização medieval-cristã. De sua vasta produção teórica, é importante lembrar aqui suas obras cujo tom filosófico ajudou a compor a sinfonia do pensamento ocidental. *Contra Acadêmicos* (386), *Solilóquios*, *A vida feliz* (386), *A verdadeira religião* (388), *Confissões* (397/8), *O livre arbítrio* (388-391/5) *A cidade de Deus* (413-427).

Karl Jaspers (1883-1969) é um europeu do século passado, nascido na Alemanha, em 1883. Médico, psiquiatra, professor de Psicologia. E também, ou melhor, além disso, filósofo. Certo dia, num círculo médico, ele disse: “os psicólogos deveriam aprender a pensar”³. Em 1916, já dava aulas de Filosofia, na Universidade de Heildelberg,

onde ficou até 1937, ocasião em que foi expulso da Alemanha nazista. Tempos sombrios, tempos de muita dor para quem tem suficiente sensibilidade moral e crê que não há ‘grande filosofia sem pensamento político’. *Filosofia e política deveriam caminhar juntas*, escreveu Jaspers em seu ensaio *Bomba atômica e o futuro da humanidade*, de 1958. Sua principal obra, de 1932, intitula-se *Filosofia*, e é composta por três volumes: *Orientação filosófica no mundo*, *Esclarecimento da Existência e Metafísica*. Nas décadas de 40 e 50, produziu muita filosofia. *Razão e existência* (1935), *Nietzsche* (1936), *Descartes e a filosofia* (1937), *Filosofia da Existência* (1938), *A verdade* (1947), *A fé filosófica* (1948), *Origem e fim da história* (1949). A obra *Introdução ao pensamento filosófico*, na qual busquei subsídios para essa reflexão, é de 1950. Além disso, a sua dedicação à Medicina e à Psicologia resultou num tratado de *Psicopatologia Geral*, de 1913, na qual fez o inventário sistemático dos diferentes tipos de doenças mentais.

Assim, apesar de pertencerem a épocas tão diversas, é possível encontrar um denominador comum entre ambos. Há em seu pensamento marcas de uma antropologia filosófica, que procuram compreender o ser humano a partir de uma certa inquietação frente a si mesmo e ao universo existencial.

Logo no início das *Confissões*, Agostinho admite: “Tinha-me transformado num grande problema. Interrogava a minha alma por que andava triste e se perturbava tanto, e nada me sabia responder”⁴. Também Jaspers, ao explicar a natureza das exposições que compõem a *Introdução ao Pensamento Filosófico* afirma:

Nas exposições, parto de experiências sensíveis, de realidades da natureza ou da vida, de tradições, caminhando em cada caso, até as fronteiras que marcam o surgimento de questões a que a ciência não

responde. Aí, diante do ser, vemo-nos presa do espanto; e indagamos de nós próprios acerca do sentido e missão de nossa existência⁵.

Essa obra – *Introdução ao Pensamento Filosófico*, é um conjunto de conferências feitas para a televisão, a convite da Rádio Baviera. Eram exposições semanais, cada qual com a duração de meia hora. Jaspers elaborou um elenco de treze temas, todos para serem tratados à luz da filosofia. Os textos são curtos, mas completos. Por que ele mesmo adverte o leitor, no prefácio da obra – publicada em 1964 – que a palavra “iniciação” aludia apenas à brevidade do texto. Para Jaspers, não existem trivialidades filosóficas ou informações simples. Impossível advertir mais claramente: “Tão logo se filosofa, entra-se em contato com os grandes temas da filosofia. E se isso não acontece, é porque da filosofia se está longe⁶.

Pois bem. Desse conjunto de textos creio que vale a pena evidenciar aqueles que se referem à condição humana e ao lugar da filosofia no mundo. Esses temas são também os de Agostinho, que teve de enfrentá-los em meio aos diversos problemas de ordem teológica – a existência de Deus, a Trindade, a Criação, a Graça. Encontrar um lugar para a filosofia no universo cristão, salvaguardar a esfera da razão frente aos ditames da fé não foi brincadeira. Para Agostinho, o que estava em jogo não era o abandono “das incertezas da Filosofia em favor da verdade revelada, mas a descoberta das implicações filosóficas de sua nova fé”⁷.

Dois pensadores de tamanha grandeza e densidade podem mapear nossas idéias e traçar a geografia da nossa alma, que anda tão desconcertada, desassosegada. E não deixa de ser arriscado, pois em tempos tão modernos, resgatar a validade da Filosofia em autores considerados ‘antigos’ pode parecer ultrapassado, fora de moda..

No entanto, sabemos que certas razões ultramodernas já se deram conta de sua falência, e andam por aí acertando suas contas, pois certas dívidas - ou dúvidas (?) - existenciais ainda não foram resgatadas. Por exemplo: ‘O que sou eu? A verdade, onde estará? O que é a felicidade?’ O Bem, o que é? são questões pendentes em meio à exuberância tecnológica e à fugacidade consumista contemporâneas⁸.

Agostinho e Jaspers, cada a um a seu modo e no seu tempo, debruçaram-se sobre essas questões. Agostinho esforça-se no sentido de partir de si mesmo, de se colocar como questão, de interrogar sua própria alma. Ou seja, de confessar-se. Lemos em *Confissões*:

Sim, deixai-me falar, já que à vossa misericórdia me dirijo, e não ao homem que de mim pode escarnecer. Talvez vos riais de mim, mas aplacado, compadecer-Vos-ei. Que pretendo dizer, Senhor meu Deus, senão que ignoro donde parti para aqui, para esta que não sei como chamar, se vida mortal ou morte vital?⁹

Jaspers fez seu pensamento guiar-se também através desse eixo antropológico. Ele escreve: “O objetivo do pensar filosófico é levar a uma forma de pensamento capaz de iluminar-nos interiormente e de iluminar o caminho diante de nós, permitindo-nos apreender o fundamento onde encontremos significado e orientação”¹⁰.

Jaspers chama Agostinho de “o primeiro homem moderno”. Não é mesmo surpreendente que alguém que se tenha dedicado tanto ao estudo das patologias humanas, que tenha vivido e sobrevivido aos horrores de duas guerras mundiais, possa rastrear pela modernidade afora as pegadas de Agostinho? Talvez porque esse ‘primeiro homem moderno’ já havia compreendido que não se pode abrir mão assim tão facilmente do que há em nós de mais precioso: a nossa razão. E disso Jaspers também não tinha dúvida.

Sobre esse tema, no capítulo dedicado à antropologia, Jaspers observou:

Quando começa a refletir, o homem toma consciência de que não dispõe de certeza, nem de apoio. É preciso que nós, homens, tenhamos coragem, quando nos pomos a refletir sem vendas nos olhos. Devemos avançar no escuro, de olhos abertos, proibindo-nos de renunciar ao pensamento¹¹.

Não renunciar ao pensamento. Ou, para repetir Jaspers, não permitir que a Filosofia se transforme em credo, pois quem se dedica à Filosofia “põe-se à procura do homem, escuta o que ele diz, observa o que ele faz e se interessa por sua palavra e ação, desejoso de partilhar, com seus concidadãos, do destino comum da humanidade”¹².

Tomado aqui o ponto de vista mais filosófico que teológico, a obra *Confissões* de Agostinho é um texto exemplar. Nela está explicitada a especificidade da condição humana: a de ser reflexiva, interrogante, pensante. Tamanho apreço pela razão humana se confirma nessa passagem do Livro X:

Os animais, pequenos ou grandes, vêem a beleza mas não a podem interrogar. Não lhes foi dada a razão – juiz que julga o que os sentidos lhe anunciam. Os homens, pelo contrário, podem interrogá-la, para verem as perfeições invisíveis de Deus, considerando as obras criadas. Submetem-se todavia a estas pelo amor, e assim já não as podem julgar. Nem a todos os que as interrogam respondem as criaturas, mas só aos que as julgam. Não mudam a voz, isto é, a beleza, se um a vê simplesmente, enquanto a outro a vê e a interroga. Não aparecem a um de uma maneira e a outro de outra. Mas aparecendo a ambos do mesmo modo, para um é muda e para outro fala. Ou antes, fala a todos, mas somente a entendem aqueles que comparam a voz vinda de fora com a verdade interior¹³.

Na mesma perspectiva, Jaspers evidencia a natureza do ser humano. É admirável a semelhança entre os textos. Por sua vez Jaspers escreve:

A natureza é muda. Embora pareça estar expressando algo através de suas formas, suas paisagens, suas tempestades tumultuosas, suas erupções vulcânicas, sua brisa ligeira e seu silêncio – a natureza não responde. Os animais reagem de maneira que tem sentido. Mas não falam. Só o homem fala. Só entre os homens existe essa alternância de discurso e resposta continuamente compreendidos. Só o homem, pelo pensamento, tem consciência de si¹⁴.

Mais ainda. Jaspers afirmara que Agostinho pensa perguntando. Ora, quem pensa perguntando não têm a pretensão de possuir a verdade. Haverá sempre mais uma pergunta, mais uma dúvida, algo sobre o que interrogar. Um exemplo disso é o fato de que, já no final de sua vida, Agostinho redige as *Retratações*, obra de visão retrospectiva, apontando temas e questões que não haviam sido suficientemente resolvidos.

Apenas esse exemplo, obviamente, não fundamenta a luta contínua empreendida por Jaspers contra qualquer forma de dogmatismo. Continuamente, defende o pensar racional e filosófico. A experiência da Alemanha nazista, é claro, leva-o à convicção de que “a filosofia tem o dever de manter acesa a faculdade do pensamento independente e, a conseqüente indepêndencia do indivíduo, que o poder totalitário procura sufocar”¹⁵.

Numa palavra, Jaspers rejeita toda espécie de razão monológica. Opõe-se fortemente à posse de um suposto conhecimento total, pois sabe que

todo aquele que se dedica à filosofia quer viver para a verdade. Vá para onde for, aconteça-lhe o que acontecer, sejam quais forem os homens que ele encontre e, principalmente, diante do que ele próprio pensa, sente e faz está sempre interrogando. As coisas, as pessoas e ele próprio devem tornar-se claros a seus olhos. Ele não se afasta de seu contato. Ao contrário, a ele se expõe. E prefere ser desgraçado em sua busca da verdade a ser feliz na ilusão¹⁶.

Mais uma vez, não deixa de ter semelhança com o modo de pensar agostiniano – um pensamento que pergunta. Em outra passagem, do mesmo livro X de *Confissões*, ainda encontramos algo parecido: “Pergunto a todos se preferem encontrar a alegria na verdade ou na falsidade. Todos são categóricos em afirmar que a preferem na verdade, como em dizer que desejam ser felizes”¹⁷.

Jaspers parece mesmo ‘ler’ Agostinho quando escreve: “a dignidade do homem reside em perceber a verdade. Só a verdade o liberta e só a liberdade o prepara, sem restrições para a verdade”¹⁸.

Ressoa aqui a voz de Agostinho. Nos tempos já distantes da Patrística, Agostinho propusera a relação simétrica entre verdade e liberdade. Ainda que tenha considerado a alma humana ‘cega, lânguida, torpe, indecente, infeliz’, entende que felicidade do ser humano depende de encontrar a alegria nas coisas verdadeiras ou, como ele próprio afirma, “se alegrar somente na Verdade, origem de tudo o que é verdadeiro”¹⁹.

Tal intenção filosófica, compartilhada pelos dois pensadores, só reitera o caráter universal da filosofia, mediatizado pela razão, de busca da verdade. Escreve Jaspers:

A verdade alheia não é tanto uma verdade oposta à minha, e sim muito mais a verdade de outra existência que, juntamente com a minha, procura aquela

Única verdade que está além de todas as verdades,
 é o horizonte que as transcende todas e em direção
 ao qual todas se movem²⁰.

Ainda que se possa discutir o conceito de transcendência, em decorrência de seus respectivos horizontes históricos, Agostinho e Jaspers, também nesse caso, estariam mais uma vez de acordo e dando razão ao poeta espanhol Antonio Machado: “Tua verdade, não: a Verdade. E vem comigo buscá-la. A tua, guarda-a para ti”²¹.

Nessa direção, portanto, faz sentido afirmar a atualidade de Agostinho. Ao enfatizar a importância de um modo de existir intersubjetivo, acaba por explicitar uma outra inquietação existencial, igualmente atual, aquela que diz respeito à felicidade. Em Agostinho, “o problema da felicidade constitui toda a motivação do seu pensar filosófico”²². A filosofia agostiniana não deixa de ser uma indagação sobre a condição humana à procura da beatitude. E, sob esse prisma, a importância que Agostinho atribui ao amor como condição de vida feliz não poderia ser mais clara que está em seu preceito ético: “Ama e faze o que quiseres, mas atente ao objeto do seu amor”. É orientação ética, mais do que prescrição moral ou receita barata de felicidade. Agostinho, ao deixar a cada um, por sua livre escolha, conceder mais ou menos peso ao objeto do seu amor, faz com que indivíduo se torne ‘questão para si mesmo’. Aliás, em coerência ao que ele, Agostinho, ‘prescreveu’ para si mesmo.

Igualmente, Jaspers, em suas conferências, tratou do amor à maneira agostiniana. Tal como Agostinho, inspira-se no apóstolo Paulo e inicia seu texto com a Carta aos Coríntios:

Ainda que eu falasse a línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse caridade seria como o metal que soa ou como o címbalo que tine..e ainda que eu

tivesse conhecimento de todos os mistérios e de toda ciência e ainda que tivesse toda a fé e não tivesse caridade, nada seria²³.

Seguindo a trilha agostiniana, reconhece que esse amor “se perfeito e puro, seria razão exclusiva e suficiente de nossa vida. Um amor perfeito dispensaria a lei moral e a ordem pública, porque a elas daria surgimento em cada situação concreta e implicaria observância de seus preceitos”²⁴.

No entanto, a perfeição desse amor não se realiza entre os homens. Jaspers considera o homem incapaz de realizar esse amor perfeito. Chega a afirmar que

se houvesse alguém capaz de viver na clarividência do amor, ser-lhe ia aplicável o dito de Santo Agostinho: “ama e faze o que quiseres”. Dado que somos todos sujeitos ao engano e à cegueira, expostos à ação de forças hostis ao amor, não podemos viver sem restrições. Todo amor que, por exemplo, transgride os Dez Mandamentos, já não será amor, mas subjugado por paixões estranhas, estará utilizando mentirosamente o rótulo do amor²⁵.

E Agostinho? Também ele não ignora a condição humana, por vezes ou muitas vezes falível. Agostinho afirmara, muitos séculos antes de Jaspers, que “quem ama desordenadamente o bem, seja que de natureza for, mesmo conseguindo-o, torna-se miserável e mau no bem, ao privar-se do melhor”²⁶. Impossível ignorar a presença desse ‘pré-medieval no pós-moderno’, para usar a expressão de Mário Sérgio Cortella.

Peter Brown também nos informa que, ainda na África romana, Possídio, bispo de Calama e amigo de Agostinho, escreveu uma Biografia de Agostinho, para assegurar a sua ‘posteridade

literária. Essa biografia, por surpreendente que possa parecer, termina com uma citação de um desconhecido poeta pagão, inscrita em um túmulo: “Viajante, não sabes que o poeta pode viver além da sepultura? Aí estás e lêes este verso: sou eu quem falo, portanto.

Ao leres em voz alta esta obra, tua voz viva é a minha”²⁷.

Também nós, ao lermos Agostinho, trazemos sua voz para ser escutada, quem sabe, por todos que acreditamos nas possibilidades de uma humanidade cujo tempo seja do Homem e seja de Deus, tal como Jaspers soube tão bem ouvir.

Notas

- ¹ Mestra em Filosofia pela PUC-Minas, Professora da Puc-Minas e do Instituto Santo Tomás de Aquino, Doutoranda em Filosofia – Puc-RS.
- ² Cf. AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. IV, 8. Doravante abreviada por Conf.
- ³ HUISMAN, Denis. **Dicionário de obras filosóficas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 27.
- ⁴ Conf., I, 14.
- ⁵ JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Cultrix, [s.d.], p. 12.
- ⁶ *Ibid.*, p. 11.
- ⁷ ARENDT, Hanna. Agostinho, o primeiro filósofo da vontade. In: _____. **A vida do espírito**: o pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro: Relume Dumará/UFRJ.1992, p. 255.
- ⁸ Essas questões são colocadas por Mário Sérgio Cortella em seu genial artigo “Um pré-medieval no pós-moderno”, publicado na Folha de São Paulo, em 15 de setembro de 1999.
- ⁹ Conf., I,6.
- ¹⁰ JASPERS, [s.d.], p. 12.
- ¹¹ *Ibid.*, p. 53.
- ¹² *Ibid.*, p. 140.
- ¹³ Conf., X,6.
- ¹⁴ JASPERS, [s.d.], p. 46.
- ¹⁵ Apud REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. São Paulo: Paulinas, 1991. v.3, p. 604.
- ¹⁶ JASPERS, [s.d.], p. 141.

- ¹⁷ *Conf.*, X, 23.
¹⁸ JASPERS, [s.d], 140.
¹⁹ *Conf.*, X, 23.
²⁰ *Apud* G. REALE, 1991, p. 603.
²¹ *Apud* SAVATER, Fernando. *As perguntas da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 33.
²² MOTTA PESSANHA. Vida e obra. In: AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.p. xiii.
²³ São Paulo *apud* JASPERS, [s.d.], 117.
²⁴ JASPERS, [s.d], p. 117.
²⁵ *Ibid.*, p. 126.
²⁶ *Conf.*, XV, 1.
²⁷ BROWN, Peter. **Santo Agostinho**: uma biografia. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Endereço para contato:

Sílvia Maria de Contaldo

Av. Dm José Gaspar, 269/101

30.535.610 – Belo Horizonte –MG

e-mail: scontaldo@pucminas.br